

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação
Licenciatura em Educação do Campo
Ciências Sociais e Humanidades

Thaís Almeida Araújo

**CHAPÉU DE INDAIÁ EM MORRO DO PILAR - MG: UMA
AUTOETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO ARTESANAL**

Belo Horizonte, Morro do Pilar - MG
2023

Thaís Almeida Araújo

**CHAPÉU DE INDAIÁ EM MORRO DO PILAR - MG: UMA
AUTOETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO ARTESANAL DO CHAPÉU**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Giavara

Belo Horizonte, Morro do Pilar - MG
2023

Chapéu de Indaiá em Morro do Pilar-MG



Dedico este trabalho a minha avó por ser uma mulher empoderada e protagonista de sua história, me inspirando na escolha do tema do trabalho; aos meus pais, irmão, namorado e amigos por sempre me incentivar.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é sempre um sentimento caloroso que aquece a alma, esse trabalho é um dos degraus da realização de um sonho, que é minha vida profissional.

O desenvolvimento do mesmo se deve a várias participações e situações que me fizeram concluir, as quais foram essenciais no processo.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e as boas energias do universo por me darem energia, saúde, sabedoria e determinação, e por me ajudar a ultrapassar tantos obstáculos ao longo do curso.

A minha avó mulher de garra, força e sucesso, a qual me inspirou o tema deste trabalho e não mediu esforços para me ajudar nas entrevistas e ideias para construção do mesmo.

Aos meus pais que me ensinaram sobre valores, amor e a força da união. Ao meu irmão e namorado pelo empenho, carinho e compreensão a minha ausência enquanto eu me dedicava a realização deste trabalho, o que me trouxe bem estar e força.

Meu cachorro Otto também foi essencial, foram longos dias em crise, protelação e escrita aos quais ele estava ao meu lado me divertindo e brincando.

Aos professores que compartilharam ao longo dos períodos tanto conhecimento sobre educação e vida. Aos monitores por tanto empenho.

A minha orientadora Ana Paula Giavara por não soltar minha mão e por me orientar com tanta paciência e sabedoria.

A minha Banca de defesa do projeto e do tcc Prof. Dr. Pablo Luiz de Oliveira Lima, que avaliou minha defesa do projeto me direcionando a finalização desse trabalho.

Aos meus amigos Henrique Antônio Queiroz e Alice Cardoso de Araújo aos quais mantive contato durante todo o curso e construí uma amizade sólida, harmônica e motivadora, e a todos os amigos que a UFMG me deu, minha eterna gratidão!

*“ Não há saber mais ou menos:
Há saberes diferentes. ”
Paulo Freire*

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa autoetnográfica que teve como objetivo mostrar o processo de produção artesanal do chapéu de Indaiá, considerando sua história e sua importância para as produtoras locais. A partir das minhas observações e estudos, busquei compreender se existe, na contemporaneidade, uma desvalorização ou enfraquecimento dessa tradição na cidade de Morro do Pilar-MG. A escolha do tema deve-se ao meu apego e às memórias relacionadas à produção artesanal do chapéu, fonte de renda da minha família há várias gerações. O referencial teórico e a discussão bibliográfica desta pesquisa possuem como conceitos básicos: a memória, o artesanato, a identidade, a história oral, a cultura, a preservação do meio ambiente e os saberes geracionais. Esta investigação classifica-se como qualitativa, pois busca apreender a realidade dos sujeitos, ou seja, o pensamento das artesãs acerca da produção artesanal do chapéu de Indaiá. Trilhando o caminho indicado pela autoetnografia, realizei observações participantes, já que estou inserida no meio pesquisado. Também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, cuja flexibilidade permitiu a elaboração de um roteiro dinâmico e natural entre entrevistadas e entrevistadora. Através deste estudo, foi possível entender a importância e a resistência da produção do chapéu de Indaiá ao longo do tempo.

Palavras-chave: Memória; Identidade; História Oral; Cultura; Saberes Geracionais

ABSTRACT

This work consists of an autoethnographic research that aimed to show the handmade production process of the Indaiá hat, considering its history and its importance for local producers. From my observations and studies, I tried to understand if there is, in contemporary times, a devaluation or weakening of this tradition in the city of Morro do Pilar-MG. The choice of theme is due to my attachment and memories related to the handmade production of the hat, my family's source of income for several generations. The theoretical framework and the bibliographical discussion of this research have as basic concepts: memory, handicraft, identity, oral history, culture, preservation of the environment and generational knowledge. This investigation is classified as qualitative, as it seeks to apprehend the reality of the subjects, that is, the artisans' thinking about the artisanal production of the Indaiá hat. Following the path indicated by autoethnography, I carried out participant observations, since I am inserted in the research environment. Semi-structured interviews were also carried out, whose flexibility allowed the elaboration of a dynamic and natural script between the interviewees and the interviewer. Through this study, it was possible to understand the importance and resistance of Indaiá hat production over time.

Keywords: Memory; Identity; Oral History; Culture; Generational Knowledge

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Monografia intitulada “**CHAPÉU DE INDAIÁ EM MORRO DO PILAR - MG:
UMA AUTOETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO ARTESANAL DO CHAPÉU**”,
de autoria de Thaís Almeida Araújo analisada pela banca examinadora constituída pelos
seguintes professores:

Profa. Dra. Ana Paula Giavara - Orientadora

Prof. Dr. Luiz de Oliveira Lima

Belo Horizonte, 12 de julho de 2023

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Chapéu de Indaiá confeccionado em Morro do Pilar- MG	3
Figura 2- Morro do Pilar	17
Figura 3- Capela do Canga	18
Figura 4- Coqueiro de Indaiá	20
Figura 5- Produção do Chapéu de Indaiá	22
Figura 6- Chapéu de Indaiá grosso	23
Figura 7- Chapéu de Indaiá Fino	23
Figura 8- Busca pela palha	24
Figura 9- Grelo/fibra de Indaiá in natura	25
Figura 10- Palha sendo cozida	26
Figura 11- Ferro de rachar a fibra de Indaiá	27
Figura 12- Trança em processo	28
Figura 13- Escassador	29
Figura 14- Linha de algodão, agulha e cera de abelha	30
Figura 15- Trança no processo de costura	31
Figura 16- Chapéu de Indaiá na forma de madeira para modelagem	32

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA – Área de Proteção Ambiental

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FaE – Faculdade de Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LECampo – Licenciatura em Educação do Campo

MG – Minas Gerais

TC – Tempo Comunidade

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

TE – Tempo Escola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 01. MORRO DO PILAR: CAMINHOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS	16
1.1. As Entrevistas	18
1.2. Morro Do Pilar	18
CAPÍTULO 02. CHAPÉU DE INDAIÁ HISTÓRIA E TRADIÇÃO	22
2.1. Coqueiro De Indaiá	22
2.2. Chapéu de Indaiá: História	23
2.3. Produção Artesanal Do Chapéu de Indaiá	25
CAPÍTULO 03. A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO PARA AS ARTESÃS E A RESISTÊNCIA DA TRADIÇÃO DO CHAPÉU DE INDAIÁ	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS:	40
APÊNDICES	42

INTRODUÇÃO

Meu nome é Thaís Almeida Araújo, sou natural de Belo Horizonte - MG mas cresci em Morro do Pilar – MG, uma cidadezinha do interior. Moro com meus pais e meu irmão, tenho uma família muito unida e acolhedora. Tive uma infância feliz e divertida em Morro do Pilar, a cidade é pequena, todos se conhecem e eu moro na área central perto do campo de futebol, o que me deu liberdade para brincar, me divertir e fazer amigos.

Aos 3 anos de idade meus pais começaram a minha alfabetização em casa, eu gostava muito de ganhar livros para colorir, quebra cabeças e outros brinquedos educativos. Em 2005, meus pais tentaram fazer minha matrícula na escola infantil da cidade, “ Escola Estadual São Tarcisio”, o que não foi possível pois eu fazia aniversário em maio e a lei não permitia que eu iniciasse, então meus pais continuaram meu processo em casa. Entrei na escola no ano seguinte e fiz o primeiro pré, quando iniciou as aulas no ano posterior eu já sabia ler e já tinha idade para ir para o ensino fundamental 1 na “Escola Estadual Cardeal Mota”, aprendi a ler rapidamente, os processos de aprendizagem no geral foram bem rápidos na minha vida, finalizei o ensino fundamental 1 com excelência, porém muito triste por ter que mudar de escola, e fechar um ciclo.

Os primeiros anos do fundamental 2, na “ Escola Estadual Intendente Câmara”, foram bons, até que em 2013 tive uma perda muito relevante na minha vida, o que me jogou no início de uma tristeza profunda. Minhas relações na escola não estavam mais sendo tão fáceis como antes, comecei a me afastar das pessoas, o que fez com que eu ficasse praticamente sozinha na escola. A escola era boa e bem estruturada, mas era a única na cidade, o que impossibilitava a mudança do ambiente. Minhas notas e aprendizado seguiram indo bem sem muito esforço, eu tinha uma competitividade enorme e me cobrava muito o tempo todo, o que não me ajudava na minha evolução pessoal, o transtorno de déficit de atenção acabava comigo, pois as coisas não funcionavam no tempo que eu queria, mas mesmo assim as coisas iam dando certo. A escola realizava eventos como a feira cultural e gincanas, o que levava os pais de alunos e muitos membros da comunidade às escolas, na feira cultural geralmente eram expostos objetos e alimentos tradicionais da nossa cidade, e o chapéu sempre estava lá, momento em que os alunos conheciam um pouco sobre seus processos de produção e sua importância para as produtoras.

No ensino médio as coisas mudavam a preocupação deixava de ser os eventos e sim o aprofundamento nos conhecimentos para preparar para a realização do no exame nacional do ensino médio (ENEM) . Sempre estudei com o objetivo de me formar e iniciar minha vida

acadêmica e o ENEM me possibilitava sonhar com isso. Mesmo com todas as dificuldades possíveis, me formei em 2018 no ensino médio, o que me deu um alívio imenso e uma sensação de dever cumprido e ao mesmo tempo de medo. Em 2018 no ano da formatura fiz o ENEM, consegui uma bolsa de engenharia ambiental e logo descobri que não era o que de fato eu queria na época, foi assim que a Eliziara, uma amiga egressa da Licenciatura em Educação do Campo, que na época ainda cursava a habilitação em matemática comentou comigo sobre o curso e me ajudou com a inscrição na habilitação em ciências sociais e humanidades. Iniciei o curso no 2º semestre de 2019, no início não gostava e sabia que não era uma área que me agradaria, consegui entrar no curso pois meus avós são da zona rural de Morro do Pilar e são uma das famílias produtoras do chapéu de fibra de Indaiá no município, o que me fez ter uma proximidade e me identificar com o curso.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO) é voltada para sujeitos do campo, o que objetiva formar professores que vão atuar no espaço campestre, o mesmo oferta as 4 áreas do conhecimento e as habilitações são: Ciências da Vida e da Natureza, Matemática, Línguas, Artes e Literatura e Ciências Sociais e Humanidades. Caldart (2002) apresenta a Educação do Campo como:

[...] a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (2002, p.26).

O curso de Licenciatura em Educação do Campo tem um ambiente muito acolhedor entre professores e alunos, ao iniciar, fiz algumas amizades que foram essenciais para meu permanecimento e auto aceitação naquele espaço, logo me adaptei e fui pegando amor pelo curso. Os anos passaram e já se foram anos do curso, me sinto feliz por está chegando ao fim e triste pela distância que isso criará entre mim e meus amigos após o curso. Pretendo me formar, para dar início a minha vida profissional e concluir o que estou conciliando com o LECAMPO: a engenharia ambiental, que agora após meu conhecimento adquirido no LECAMPO e na FAE, faz mais sentido e tem mais presença em minha vida, os dois tem muita ligação pra mim e envolvem aquilo que é tão importante para todos nós: o cuidado e redução de impactos com o meio ambiente, assunto tão comentado em várias disciplinas do curso. O LECAMPO organiza seu currículo e estruturas tendo como base os pressupostos da pedagogia de alternância. Para Lambert (2002, p. 41)

A pedagogia da alternância prepara adequadamente os jovens para enfrentarem suas realidades de trabalho agrícola e florestal. Como eles são levados a diversos locais de estágio, durante 3 anos, e a se adaptar a diferentes contextos e a práticas diversas, eles chegam ao mercado de trabalho com uma vantagem extra em relação aos jovens que estudaram de maneira tradicional. Estes constituem uma mão-de-obra de primeira ordem para os empreendimentos da região e não encontram nenhuma dificuldade para ter trabalho no final de seus estudos.

Assim, tenho meu tempo na escola e meu tempo na comunidade, integrado um ao outro, o que me possibilita conseguir estudar. Passo os meses de janeiro e julho na universidade tendo aulas durante todo o dia, de fevereiro a junho e de agosto a dezembro na comunidade, fazendo os trabalhos do tempo comunidade. Na minha cidade não temos faculdade, e a permanência contínua em Belo Horizonte é algo fora da minha realidade.

A alternância dos períodos na faculdade e na vivência da comunidade, o jovem constrói conhecimentos no diálogo entre o saber cotidiano, a prática, o trabalho passado de gerações a gerações e o saber escolarizado. Assim, a pedagogia da alternância pode contribuir com a formação dos jovens da seguinte maneira: desenvolvendo a reflexão crítica, a responsabilidade individual e coletiva e fortalecendo as famílias do campo na tentativa de envolver os sujeitos na busca de um mundo mais solidário, justo, humano e ético (SILVA, 2008; BEGNAMI, 2013).

Com o curso aprendi a ser uma profissional e tomar decisões difíceis e ser uma pessoa cada dia mais humana, não sou a mesma que entrei, e me sinto muito bem com isso. Quanto à origem do tema escolhido para minha pesquisa, isso justifica-se por que é uma tradição presente na minha família, nas minhas origens e na minha cidade por várias gerações. Trago memórias desde a minha infância e uma delas são recordações da minha avó, minha mãe e minhas tias aos domingos reunidas trançando ou costurando, enquanto eu e meus primos brincávamos na casa da minha avó. Desde pequena fomos acostumados com todo o processo, e tínhamos o hábito de acompanhar nossas mães na colheita da palha, o que era divertido e lúdico. Minha mãe usava o dinheiro da venda do chapéu para ajudar no sustento de casa e para comprar os materiais escolares para mim e meu irmão. Lembrar desses momentos, me proporciona uma nostalgia que desperta em mim o interesse por resgatar essa memória.

Cresci tendo contato direto com o artesanato de chapéu de Indaiá, me lembro da minha avó, minhas tias e minha mãe costurando para complementar a renda da família e assim na adolescência me interessei em aprender a fabrica-lo, consegui aprender, mas como era um processo demorado eu logo desisti, sempre que possível eu publicava nas redes sociais com

intuito de fazer uma divulgação para o produto, o que funcionava bem.

Quanto à minha relação pós curso com o mesmo, pretendo levar o conhecimento sobre o LECAMPO com mais força para minha comunidade que é composta majoritariamente por famílias camponesas que ainda não conhecem a força dos movimentos sociais que são tão importantes para continuar a luta. Além de todo aprendizado adquirido, o LECAMPO aumentou minha preocupação com o meio ambiente natural, o que me fez retornar a minha ideia inicial de cursar engenharia ambiental, ao qual concílio meu tempo, o que vem me dando novos rumos.

Essa pesquisa se justifica socialmente por ser uma tradição que está presente na minha cidade, nas comunidades e nas famílias de Morro do Pilar. Essa tradição está presente na minha família por várias gerações, mas tem ficado cada dia mais distante da realidade atual devido a desvalorização do produto. Trago memórias desde a minha infância e uma delas são recordações da minha avó, minha mãe e minhas tias aos domingos reunidas trançando ou costurando, enquanto eu e meus primos brincávamos na casa da minha avó. Desde pequena fomos acostumados com todo o processo, e tínhamos o hábito de acompanhar nossas mães na colheita da palha, o que era divertido e lúdico. Lembrar desses momentos me proporciona uma nostalgia que desperta em mim o interesse de resgatar essa memória.

Atualmente temos vários produtores de chapéu de Indaiá na nossa cidade por muitos anos virou símbolo de união a divisão dos processos entre as famílias produtoras, o que além de movimentar a economia faz com que os produtores tenham uma relação de intimidade com o produto e interação social com os demais artesãos.

A preservação ambiental das nossas matas nativas e de nossos rios é de extrema importância não só para nossa sobrevivência mas também para a produção do chapéu de palha que tem como matéria prima as palhas do coqueiro de Indaiá. O coqueiro de Indaiá é uma palmeira de porte médio, com seu ciclo de crescimento lento, tem difícil cultivo artificial e replantio, o que dificulta para as artesãs nos períodos de seca e queimadas na região. Em Morro do Pilar a difusão do saber e de práticas camponesas ainda é vista pelos nossos municípios como sinal de atraso. O tema escolhido está diretamente ligado aos camponeses da minha localidade, é de grande valia fortalecer e valorizar os saberes dos povos do campo, portanto ressignificar essa visão negativa sobre os saberes camponeses é importante para mim.

Ao pesquisar sobre o tema vi que tem 2 vídeos no youtube que falam sobre o chapéu de Indaiá em Morro do Pilar, sendo eles: trançadeiras de chapéu de palha de Indaiá na comunidade lapinha de Morro do pilar, publicado pelo canal tribo da terra em 2021; Rumos de minas - ep23

– Morro do Pilar, publicado pelo canal instituto periférico em 2023. No banco de monografias do LECampo encontrei apenas uma que falava do mesmo tema e a autora é do meu município também, a qual trata fatores matemáticos acerca da produção do chapéu. A cultura e o artesanato estão cada dia menos agregados à sociedade contemporânea e o chapéu de Indaiá merece destaque por ser um produto totalmente natural com materiais que vêm da terra. Para o LeCampo e para minha formação como educadora, minha pesquisa é importante para ajudar na formação de professores que vão se deparar em suas práticas com realidades semelhantes a de Morro do Pilar onde a cultura local se encontra enfraquecida, onde poderemos observar o problema e ajudar revertê-lo, pois outros tantos territórios campestres vivem esse enfraquecimento da cultura dos sujeitos do campo em face da urbanização.

Através de algumas leituras, do meu conhecimento adquirido no curso e pela cultura inserida em minha família surgiu o interesse de desenvolver o tema, para usar como um instrumento de pesquisa e conhecimento para os municípios da minha cidade, Morro Do Pilar.

Este trabalho tem como objetivo compreender e descrever o processo da produção do artesanato do chapéu de palha do coqueiro de Indaiá em Morro do Pilar (MG) e a relação das mulheres que os produzem com o objeto, buscando compreender, mediante uma pesquisa autoetnográfica, se houve o enfraquecimento dessa prática cultural na contemporaneidade.

CAPITULO 01. MORRO DO PILAR: CAMINHOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS

O referencial teórico e a discussão bibliográfica desta pesquisa manifestam a apresentação e discussão que tem conceitos bases: a memória, artesanato e cultura, preservação do meio ambiente, saberes geracionais, história oral que irão contribuir para a compreensão do tema escolhido.

A memória está inserida no método de pesquisa qualitativa usei minhas recordações para produzir e entender o conteúdo, ela tem caráter subjetivo, uma subjetividade que a caracteriza como qualitativa, “ou seja, baseado no estudo do próprio homem, em sua relação com o meio social, ao qual está inserido, levando em conta os sentidos, os sentimentos, e a sensibilidade dos indivíduos envolvidos no processo de pesquisa” (DORES, 1999, p. 113).

A cultura é um conceito antropológico e na minha comunidade ela está diretamente ligada ao artesanato, o chapéu de Indaiá é um artesanato cultural que vem de saberes geracionais e que está presente até os dias de hoje. Para LARAIA(1986) “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo”.

O artesanato e os artesãos do chapéu de Indaiá fazem um trabalho manual ao qual aprendem na observação e na prática, e assim transferem seu conhecimento um para o outro. “Os artesãos são os verdadeiros professores de uma educação de classe e, quando se educam a si próprios com a prática de que são parte, fazem avançar a cultura e a consciência de que são guias” (BRANDÃO, 2002, s/p)

A preservação do meio ambiente é algo essencial para a sobrevivência dos seres vivos, o material principal para a produção do chapéu de Indaiá está inserido na mata atlântica, as comunidades rurais também tendem a sofrer com má conservação da natureza, onde enfrentam muitas queimadas que poluem o solo e o ar, que impactam diretamente na obtenção e extração da matéria prima. De acordo com o Art. 225., Todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para os presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988).

A história oral é um método importante para minha pesquisa já que usa fontes orais que podem ser coletadas por meio de entrevistas. Ela contribui para a formação das identidades locais e serve como instrumento de interligação entre estes elementos e a construção da memória. De acordo com Silveira (2007, p. 41):

Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos; tão pouco provar uma verdade absoluta. É dar espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação dessa, procurando articular suas narrativas aos contextos e elementos do(s) objeto(s) em pesquisa. Estar preparado para compreender que nem sempre o ato de rememorar é uma ação saudável e positiva para o sujeito, pois pode trazer dores e sofrimentos. É escrever história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas. Silveira.

Para Thompson (1992 p. 17),

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

A produção do chapéu de Indaiá é majoritariamente feita pelas mulheres, as mesmas buscaram o recurso para poder conciliar o tempo do trabalho com os cuidados e deveres de casa e dos filhos e ter um dinheiro próprio para ajudar no sustento da família.

Minha pesquisa é uma pesquisa qualitativa pois o método busca trazer a realidade do sujeito, assim entendendo melhor a influência que a produção do chapéu de Indaiá tem na vida das artesãs, tendo como vertente a história oral que permite a compreensão, realidade e a importância dos sujeitos sociais na construção histórica. Segundo Minayo MINAYO (2001, p. 77), no método de pesquisa qualitativa a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida, essa compreensão tem como ponto de partida o interior da fala.

A partir das minhas experiências, usei o método autoetnografia e observação participante, pois estou inserida no meio em que foi pesquisado. A autoetnografia é de acordo com ELLIS, 2004 *apud* Santos, 2017 pág. 220, “ um método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural”. De acordo com Ellis e Adamis (2014, s.p. *apud* VEREDAS, 2018, p.18), o termo autoetnografia descreve estudos nos quais os membros de uma determinada cultura fornecem seus próprios relatos sobre a cultura. Segundo Queiroz, (et. al. 2007, p. 278), a observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que

significa estar naquela situação.

Para realizar a coleta das informações fiz entrevistas semi-estruturadas que é um modelo de entrevista mais flexível, contendo um roteiro que abre espaço para que a entrevista fosse mais dinâmica e natural entre entrevistado e entrevistador. De acordo com Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. O autor arremata sustentando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

1.1. As entrevistas

Para a coleta de dados entrevistei 3 pessoas, sendo elas uma idosa, uma adulta e uma jovem que estão inseridas na produção do chapéu, sendo elas escolhidas por mim, minha avó: Maria De Lourdes Costa Almeida, com 75 anos, conhecida como dona Mariinha, minha mãe: Sonia de Almeida Costa Araújo, com 52 anos, conhecida como Soninha, e minha prima: Beatriz Almeida Santos, com 25 anos, entendendo assim melhor o ponto de vista e perspectivas de cada uma delas as quais aprenderam trançar na mesma idade em épocas e situações diferentes. Gravei as entrevistas e transcrevi-las para a utilização das mesmas no trabalho.

Para entender melhor o contexto que o meu objeto de pesquisa, chapéu de fibra de Indaiá está inserido contarei um pouco da história de Morro do Pilar.

1.2. Morro do Pilar

Morro do Pilar é uma cidade brasileira, do interior de Minas Gerais, na região central do estado, é um município tradicional e antigo. A cidade está localizada a 150 km da capital mineira e conta com um acesso rápido pela MG 010 (IBGE, 2021), está na região da serra do espinhaço o que faz com que sejamos agraciados com água em abundância, montanhas e muita beleza natural.

Na figura abaixo temos parte do centro da cidade de Morro do Pilar, podendo ser observada a capela de Nossa senhora do Pilar (padroeira da cidade), algumas casas e seus morros que caracterizam o nome da cidade juntamente do nome da padroeira.

Figura 2: Cidade de Morro do Pilar-MG



A história da cidade remonta ao início do século XVIII, quando foi colonizada pela Coroa portuguesa que logo descobriu ouro e ferro dando início a exploração e criação de caminhos para a passagem com o ouro, percurso que é conhecido como estrada real que inclui 177 municípios sendo um deles Morro do Pilar. A cidade iniciou através de um povoado que se chamava Morro de Gaspar Soares em 1703, em 1814 se tornou distrito da cidade vizinha Conceição do Mato Dentro e foi nomeada com o nome atual, e em 1953 Morro do Pilar foi elevado à categoria de município (MANABI, 2014).

De acordo com os dados do IBGE (2021), o município tem aproximadamente 3126 habitantes e 477,548 km², o que faz com que a economia não gire tanto e permaneça ligada às atividades rurais familiares. Além da sede, tem algumas comunidades rurais, sendo elas: Carioca, Ribeirão Dos Porcos, Ponte De Cimento, Sabiá, Lavrinhas, Facadinho, Chácara, Areias, Serra, Lapinha, Colônia e Tijucal. Muitas dessas comunidades conservam a cultura e tradição dos seus antepassados. A realidade distinta e muitas vezes difícil dessas localidades mostram a força e resistência dos povos camponeses da região. No nosso perímetro urbano e rural são encontradas algumas ruínas, casarões, igrejas e minas de exploração que foram construídos entre o final do século XIX e XX, que retratam a história da cidade (HISTÓRIA VIVA, 2014).

Na imagem abaixo temos a Capela do Canga construída em 1719, no alto do Canga onde iniciou a civilização em Morro do Pilar-MG. A igreja marca a fé dos portugueses que colonizaram e povoaram fazendo o catolicismo ser forte no município.

Figura 3: Capela do Canga



Em relação a educação Morro do Pilar conta com 3 escolas na zona urbana, e 5 na rural na comunidade Lapinha, Carioca, Areias, Ponte De Cimento, e Serra sendo apenas 3 ativas no momento, as quais atendem ensino infantil e fundamental 1.

Na zona urbana temos a escola Municipal São Tarcísio que contempla o ensino inicia a alfabetização (infantil), a Escola Estadual Cardeal Mota contempla ensino fundamental 1, e a Escola Estadual Intendente Câmara que contempla alunos do ensino fundamental 2 e médio incluindo da zona rural.

Nas áreas rurais da cidade a Escola tem o mesmo nome para todas as comunidades sendo esse: Escola municipal Fazenda Rio Vermelho, que são divididos em classes multisseriadas. Na medida que esses alunos vão crescendo eles vêm para o centro urbano de Morro do Pilar para concluir os estudos na Escola Estadual Intendente Câmara.

A economia de Morro do Pilar está ligada ao artesanato, agricultura familiar e agropecuária, e, atualmente, vem crescendo a exploração do eucaliptal para a produção do carvão. Nossa comunidade é rodeada de patrimônios culturais sendo eles divididos entre: patrimônios

culturais materiais e imateriais. Os patrimônios imateriais e materiais estão interligados; os imateriais englobam todo o conhecimento de um povo, sendo eles, saberes e modos de fazer, conhecimento dos antepassados, rituais e celebrações de cunho religioso, músicas que mostram a expressão e manifestação do povo local. Através dos imateriais ou seja do conhecimento, é produzido os materiais; Como exemplo temos o chapéu de Indaiá que é produzido através do conhecimento imaterial que vem de geração em geração se tornando patrimônio cultural material (HISTÓRIA VIVA, 2014).

A cultura da cidade é marcada pela convergência de diferentes grupos que viveram em Morro do Pilar o que marca a identidade cultural do município. Pelos arraiais criados durante o ciclo do ouro passaram imigrantes europeus, africanos e pessoas vindas de várias regiões do país, cada um trouxe consigo suas crenças e modos de ser e agir. A convivência dos imigrantes com os nativos indígenas que em Morro do Pilar viviam resultou em uma identidade cultural única. (MANABI, S.A. 2014).

Na região tem algumas plantas e árvores que são pioneiras, dentre elas está o coqueiro de Indaiá, que é bastante usado na região tanto no artesanato quanto na indústria alimentícia e estética, para o artesanato retira se a fibra de Indaiá e para alimentos e estética o óleo e o coco.

A fibra de Indaiá é um produto natural derivado do coqueiro de Indaiá o qual é encontrado em abundância na região de Morro do Pilar onde farei a pesquisa. Nosso patrimônio cultural é extenso, os ofícios, saberes e modos de fazer são imateriais, ao qual o saber da produção do chapéu de Indaiá está inserido.

Através de algumas leituras, do meu conhecimento adquirido através do curso e pela cultura que está inserida em minha família surgiu o interesse de desenvolver o tema, para usar como um instrumento de pesquisa e conhecimento para os munícipes da minha cidade, Morro Do Pilar.

De acordo com (MINAYO, 2001, p.18), toda investigação se inicia por um problema com uma questão com uma dúvida ou com uma pergunta , articuladas a conhecimentos anteriores , mas que também podem demandar a criação de novos referenciais. Minha pergunta de pesquisa nasce no momento em que percebo o declínio dessa cultura tradicional e a preocupação que existe com o desaparecimento de algo que faz parte da minha identidade pessoal, familiar e comunitária.

CAPÍTULO 02. CHAPÉU DE INDAIÁ HISTÓRIA E TRADIÇÃO

Neste capítulo o coqueiro de Indaiá, sua história e processo de produção são detalhados, a flora rica de Morro do Pilar contribui para que tenhamos acesso ao coqueiro de Indaiá, a mesma engloba várias espécies de plantas e árvores, algumas nunca exploradas, na região temos algumas vegetações de florestas nativas, grande parte do nosso bioma é composto por cerrado e mata atlântica. Nossas formações florestais contribuem para uma boa qualidade das bacias hidrográficas de Morro do Pilar, o que contribui com a agricultura e boa qualidade de vida dos ribeirinhos (MANABI, 2014).

2.1- Coqueiro de Indaiá

A palmeira de Indaiá e a árvore candeia na nossa região, é protegida pela fiscalização ambiental por ser utilizada para recuperação florestal (MANABI, 2014), na figura abaixo temos um coqueiro de Indaiá adulto dentro de um terreno particular.

Figura 4: Coqueiro de Indaiá em Morro do Pilar-MG



Fonte: Acervo da autora (2023).

O nome científico do coqueiro de Indaiá é *Attalea Dubia*, é natural nas regiões sudeste, sul e centro oeste do Brasil, sendo nativa da mata atlântica. A matéria principal usada

na confecção do chapéu de Indaiá é a fibra de Indaiá que são as folhas mais novas da palmeira.. Ela tem suas características específicas, sendo uma palmeira solitária, ou seja, é uma planta que geralmente se destaca sozinha, tem um crescimento lento e porte médio. Na nossa região ela é usada tanto no artesanato, na construção de telhado das casas, quanto na indústria alimentícia e estética. A espécie possui de 5 a 8 metros de comprimento, caule solitário e aéreo, contém flores masculinas e femininas no mesmo cacho, o fruto é amarelado e contém um bico em uma de suas extremidades, geralmente tem 2 sementes denominadas como coco de Indaiá (DIAS, 2011, p.4).

Quase tudo da palmeira é utilizado, para fins diferentes e em diversos setores, como indústria alimentícia, estética, e artesanato. Na indústria alimentícia usamos a semente/fruto da palmeira de Indaiá que é o coco, que além de ser comestível é usado para a fabricação de óleo, leite, doces, cereais, paçocas e farofas. Do caule da árvore é extraído o palmito de Indaiá que é muito consumido e saudável.

Em Morro do Pilar o óleo de côco é utilizado com fins estéticos para hidratar a pele, nutrir o cabelo, é também usado como lubrificante. Com a fibra do coqueiro de Indaiá é confeccionado aqui: bolsas, chapéus, cintos, cestos, tranças, gargantilhas, brincos, carteira, almofada, utensílios e acessórios.

A identidade das trançadeiras do chapéu de Indaiá se dá pela história, beleza e utilidade da peça que é preparada com tanto cuidado proporcionando ao cliente que muitas vezes é um turista, a oportunidade de levar consigo um pedaço da história de Morro do Pilar.

2.2- Chapéu de Indaiá : História

O chapéu da fibra de Indaiá nasceu a tempos imemoriais e é produzido por mulheres em Morro do Pilar, em especial as da comunidade Lapinha, este saber foi transmitido ao longo de várias gerações. (MANABI S.A., 2014). Nas últimas décadas do século anterior, as mulheres começaram a ter voz e sua atuação na história, na sociedade, nas organizações de trabalho e familiar começaram a ter destaque, as trançadeiras foi o nome dado às mulheres que produziam o chapéu da fibra de Indaiá. O saber foi acumulado e transmitido de forma geracional. A arte de trançar fibras naturais tem grande importância na relação homem e natureza.

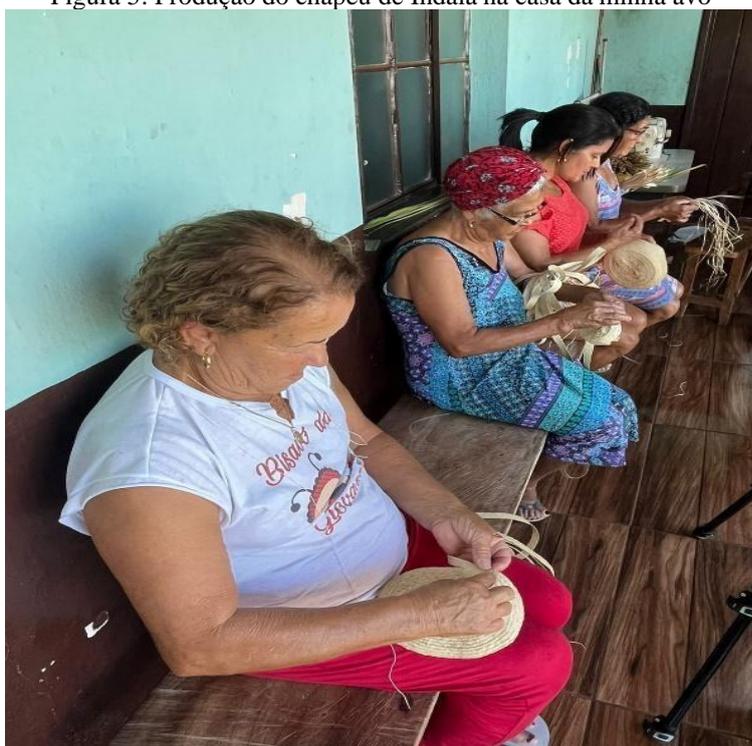
Minha avó Dona Maria De Lourdes Almeida, tem 74 anos , nasceu na comunidade Lapinha de Morro do Pilar, atualmente mora na cidade tem 6 filhas, é trançadeira, conhecida por Mariinha do vicentino (meu avô), e diz ter começado trabalhar muito nova em diversas áreas do serviço rural como capina e plantação para sobrevivência e como *hobbie* e fonte de

renda aprendeu a trançar e costurar o chapéu de Indaiá com sua avó. Em entrevista realizada em março de 2023 em sua casa:

“ Minha avó me ensinou trançar thais, minha mãe também trançava mas teve muitos filhos e não tinha tempo, ensinei para minhas 6 filhas. Então era assim, o saber passava de mãe para filha, filha para neta, uma ensinava a outra, tive vontade de ensinar todas vocês minhas netas né! Pena que nem todas quiseram aprender (...) essas profissões antigas estão acabando o pessoal fazia as coisas por precisão, não encontra mais quem faz alguns tipos de serviço aqui em Morro do Pilar, até pra capina está difícil, tenho muita preocupação com a extinção desse saber tão importante para mim”

Na imagem abaixo temos: à esquerda dona Maria, amiga e vizinha da minha avó, de lenço minha avó dona Mariinha, na sequência minha mãe Soninha, e minha tia Mariza, todas realizando processos de produção do chapéu. Nesses momentos em grupos elas riem, contam casos e se divertem trabalhando.

Figura 5: Produção do chapéu de Indaiá na casa da minha avó



Fonte: Acervo da autora (2023).

Mesmo enfrentando tantas adversidades, e por muitas vezes serem silenciadas ao longo do tempo, coniventes com a necessidade de sobreviver e manter a família e os negócios, várias mulheres assumem atividades que mostram seu valor, desmistificando a ideia da permanência de uma sociedade patriarcal e preconceituosa. Além das trançadeiras em Morro do Pilar também temos, mulheres exercendo outros ofícios como fiadeira, rendeira, tecedeira, costureira, e outras

atividades manuais, saberes transmitidos na maioria das vezes da mesma forma do chapéu de Indaiá, oralmente.

2.3- Produção artesanal do chapéu de Indaiá

O chapéu de Indaiá é feito de maneira manual e minuciosa, o que demanda tempo. São divididos em três etapas: preparação da fibra de Indaiá, produção da trança e em seguida do chapéu. Existem dois tipos tradicionais de chapéu de Indaiá: o de trança fina que é feito com a palha (fibra) menor com folhas mais novas, e o de trança grossa que é feito com a palha um pouco mais grossa e um pouco mais velha, sendo duas variações, podendo ser vistos nas duas imagens abaixo:

Na figura 6 temos o chapéu confeccionado com a fibra de indaiá rachada mais grossa, sendo a mesma folhas mais velhas do coqueiro.

Figura 6: Chapéu de Indaiá Grosso



Na figura 7 temos o chapéu de Indaiá fino, confeccionado com a fibra mais nova do Indaiá, por ser mais fina é um chapéu mais trabalhoso e requer mais habilidade da artesã

Figura 7: Chapéu de Indaiá fino



Fonte: Acervo da autora (2023).

Para a colheita da palha/fibra é necessário ir até a mata e encontrar e escolher o pé de coqueiro ainda jovem, retirar as folhas mais novas do coqueiro que ainda se encontra fechada, a folha é chamada pelas artesãs de grelo de Indaiá, retira se o produto usando as mãos para não estragar o coqueiro que continua tendo uma vida saudável e longa.

Soninha: é retirada a palha na lua minguante, pois na crescente ela quebra e se parte toda, fica impossível de rachar ou de continuar o processo, você já viu Thaís (comenta e ri, olhando para mim), geralmente olho a lua no céu e já sei quando está na hora, odeio o processo da colheita geralmente a mãe faz, é manual e usa a mão para puxar o grelo.

Os materiais usados para a trança são de origem natural extraídos ou cedidos pelo meio ambiente, e outros comprados, sendo eles: Grelo do Indaiá que são as folhas mais novas do coqueiro de Indaiá e passa por todo um processo, para se transformar numa fibra clara e maleável; entre outros citados posteriormente. Para entender melhor acompanhei juntamente da minha avó Dona Mariinha e minha tia Mariza o processo de tratamento do grelo de Indaiá assim fazendo os registros abaixo:

Figura 8: Busca pela palha de Indaiá na região conhecida como mato do tanque



Fonte: Acervo da autora (2023).

Na foto abaixo temos o grelo de Indaiá in natura pronto para iniciar o processo de preparo, seguido da descrição do mesmo.

Figura 9: Grelo ou fibra do Indaiá in natura



Fonte: Acervo da autora (2023)

Após a retirada, a fibra é aberta e destalada (processo que retira os talos, os talos são as

partes laterais e mais duras da palha), o processo é feito usando uma pequena faca comum, e o polegar para firmar a palha na mão. Depois as mesmas são abertas num varal para serem organizadas em seguida amarradas em bolos com o próprio talo. Amarradas a palha é levada para ser cozida, por 20 minutos para ficar macia. Abaixo figura do processo de cozimento:

Figura 10: Palha sendo cozida

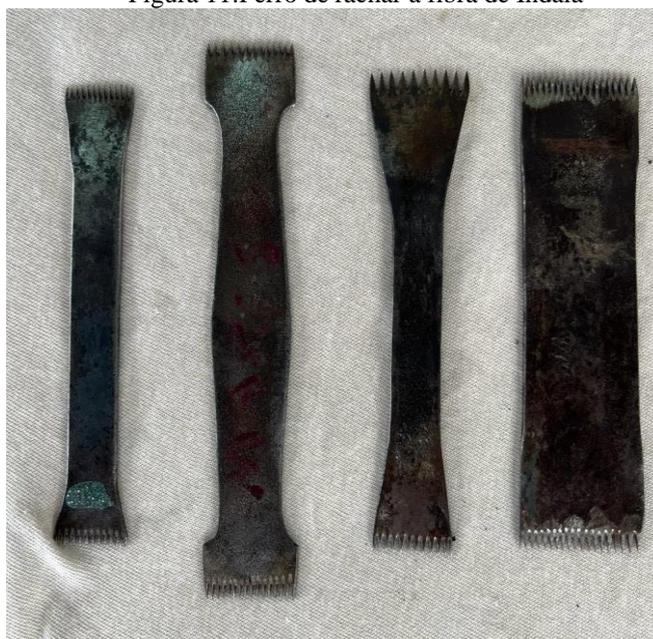


Fonte: Acervo da autora (2023)

Em seguida, a palha é lavada em água corrente para retirar qualquer impureza que possa ter grudado, após o preparo é exposta a luz e calor do sol para clarear as folhas, e ao sereno da noite para abri-las e ficarem no ponto ideal.

Após esse processo a fibra é rachada com um ferro que delimita a espessura do fio para a trança ser feita em duas qualidades: grossa e fina. Podendo ser observado na figura abaixo o material e espessura de seus dentes usados para rachar.

Figura 11:Ferro de rachar a fibra de Indaiá



Fonte: Acervo próprio (2023)

O ferro era fabricado aqui em Morro do Pilar por um ferreiro amigo da família, em conversa com minha avó ela detalha:

Dona Mariinha: Esses ferros são muito antigos, hoje não tem quem os produza com tanta perfeição mais, eles tem os dentes tão finos que se cair estraga, mas temos um conhecido que amola pra gente, por isso tem que ter cuidado (comenta segurando o objeto nas mãos)

Depois de ser rachada a fibra de Indaiá é trançada com 7 pares de um lado e 6 do outro, em seguida é retirada com as mãos as sobras e pontas de fibras que ficam nas emendas.

Na figura abaixo observa se o movimento da mão para segurar e firmar a trança:

Figura 12: Trança em processo



Fonte: Acervo da autora (2023)

A medida da trança é em braça, medida local usada desde o início da produção, cada braça tem em torno de 1 metro e 20cm, e é medido os braços abertos de uma pessoa usando 8 vezes à medida. Depois de trançada e limpa, a palha é passada num instrumento de madeira mostrado na imagem abaixo, ele é manual chamado escassador é um instrumento feito na comunidade possui dois cilindros: que prensam a trança para que a mesma fique modelada, lisa e com forma achatada; e duas manivelas que utilizam duas pessoas, saindo de lá no ponto de ser costurada

Figura 13: Escassador



Fonte: Acervo da autora (2023)

Após a produção da trança é confeccionado o chapéu, os materiais utilizados são: a trança, linha de algodão, cera de abelha para encerar a linha e agulha pequena para chapéu fino e uma maior para chapéu grosso, podendo ser vistos na figura abaixo:

Figura 14: Linha de algodão, agulha e cera de abelha.



Fonte: acervo da autora (2023)

Com os materiais em mãos se inicia o processo de costura da trança, onde é feito o fundo (parte superior) com 6 voltas, copa (parte lateral) com 7, e aba com 6 voltas podendo ser

aumentada de acordo com o gosto do cliente podendo variar entre 6 e 12 voltas. Existem 3 medidas de formas sendo ela pequena, média e grande, onde se mede o tamanho da cabeça com o barbante, o que influencia no preço final do produto, sendo do chapéu grosso de 25 à 30 reais, e do fino de 60 a 120 reais.

Figura 15: Trança no processo de costura.



Fonte: Acervo da autora (2023)

Depois de costurado o chapéu passa por uma forma de modelagem, para ficar padronizado, tendo três tipos de tamanho P M G. O instrumento é de madeira e possui formato cilíndrico o que pode ser visto na imagem abaixo. É usado um copo comum para passar sobre o chapéu e força lo contra a forma, ficando assim no formato ideal.

Figura 16: Chapéu de Indaiá na forma de madeira para modelagem.



Fonte: Acervo da autora (2023)

Após a modelagem, ele é lavado por dentro e por fora para em seguida ser enxofrado, processo em que ele é colocado dentro de um barril fechado com enxofre queimando, o que faz com que ele fique clarinho e protegido dos fungos e mofo, depois ele é modelado novamente na forma usando as mãos e um copo cilíndrico para ficar perfeitamente modelado assim ficando pronto para a venda.

A produção do chapéu atualmente tem sido dividida entre as trançadeiras, as que têm mais habilidade para trançar e prefere trançar ficam com essa parte, com o chapéu e o processo da palha também seguem a mesma forma de organização.

O processo de preparo da palha de Indaiá é feito em torno de dois dias, e a trança com o chapéu em torno de mais 5, conforme experiência e prática da artesã.

O chapéu tem uma duração média de até 2 anos sendo conservado e usado de forma correta, ele precisa ser guardado em lugar arejado, evitar mofo, umidade e de preferência guardado em saco plástico transparente, a degradação do mesmo no meio ambiente é rápida por ser um produto natural se degrada em aproximadamente 6 meses após o descarte.

CAPÍTULO 03. A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO PARA AS ARTESÃS E CAMINHOS PARA O RESISTÊNCIA DA TRADIÇÃO DO CHAPÉU DE INDAIÁ

A produção artesanal do chapéu de Indaiá vem resistindo ao tempo, e vem permanecendo viva pela história oral, pelo saber geracional e pela força oriunda das mulheres do campo, o saber artesanal do chapéu na minha família cria boas relações familiares e momentos que fortalecem a união das mulheres, que trançam e costuram muitas vezes em grupos papeando e contando casos.

A valorização de práticas sustentáveis de uso e condução dos recursos naturais é algo que orgulha as artesãs, a falta de políticas públicas que valorizem esses saberes e fazeres tradicionais para atrair os jovens, e valorizar a identidade cultural é algo que causa ressentimento nas artesãs.

Minhas entrevistadas tem idade que permeia o último século, sendo minha avó dona Maria (Mariinha) uma das trançadeiras mais velhas que conheço, atualmente com 75 anos, minha mãe Sônia (soninha) uma das filhas que tenho mais fácil acesso, e que também aprendeu a trançar com a idade próxima a sua mãe, atualmente com 52 anos, e beatriz a neta que teve mais proximidade com o chapéu de Indaiá, atualmente com 25 anos.

Minha avó nasceu e morou com seus pais na comunidade Lapinha de Morro do Pilar até os 15 anos quando se casou. Quase todas as linhas genealógicas de trançadeiras de Morro do Pilar vem da Lapinha, povoado de aproximadamente 200 anos. De acordo com Coutinho Eliziara (2020) moradora de lá em sua monografia ela diz:

A Comunidade Lapinha é formada por uma gente simples, acolhedora e conhecedora da Natureza. Donos de um saber muito especial: o saber da semente. A maioria dos moradores conhece os detalhes de diversos cultivos. Trabalho que aprenderam com os pais, na lida cotidiana desde criança. São camponesas e camponeses que chamam a atenção por manterem sua cultura ancestral, seus saberes e fazeres: a cultura da mandioca, para produção artesanal da farinha; o cuidado com os antigos canaviais, para produção de melado de cana e rapadura. Essas duas atividades são desenvolvidas por quase todas as famílias da comunidade; geralmente a produção é para o consumo próprio. O zelo com as casas e os quintais, as hortas e os roçados são dons das pessoas daqui. Guardiões de saberes ancestrais

Essa ancestralidade em torno dos saberes tradicionais têm contribuído para o esclarecimento das forças produtivas, estarem resistindo à ação do tempo no espaço, estagnado um trabalho artesanal que há décadas persiste neste lugar. Para cada uma das minhas entrevistadas a produção do chapéu de Indaiá tem um significado, entrevistando minha avó ela

disse:

Dona Mariinha: Para mim o chapéu tem muito significado, a gente distrai, enquanto a gente tá mexendo, dá um alerta na nossa cabeça... lembranças de coisas boas, além de tudo ocupa meu tempo, não fico de braços cruzados, nunca deixei de mexer com minha trança, com meu chapéu.

Nas falas da minha avó, dona Mariinha, é nítido o apreço que ela tem pelo chapéu, e a vontade de fazer com que a tradição seja levada à diante.

Dona Mariinha: Não sei o que fazer para essa tradição não morrer a maioria dos jovens não querem aprender, hoje tem o celular para se distrair e na minha época não tinha, além de ganhar nosso dinheirinho a gente distraia, batia papo, Eu tinha muitas irmãs e irmãos, éramos 10 a família era grande e todas nós moças trançava e cuidava da casa, e os meninos cuidavam da horta de capinar e roçar, agora estamos em outro tempo né. A tradição vai acabar com o tempo... vai acabar.

A uberização vem mudando as relações de trabalho e isso tem influenciado as relações trabalhistas e formas de trabalho. Como citado acima Morro do Pilar não tem muita opção de emprego, mas tem grande potencial turístico e minerário, atualmente os morrenses (gentílico para as pessoas De Morro do Pilar) têm procurado recurso na cidade vizinha Conceição do Mato Dentro-MG, as mineradoras estão em peso na cidade, o que atrai pessoas de todas as idades, principalmente os jovens que querem iniciar sua vida profissional, tanto em comércios quanto nas mineradoras, o que exige muitas vezes experiência profissional ou curso específico na área desejada. Para Silva Junior (2021),

A sociedade passa por mudanças das quais muitas estão vinculadas ao avanço tecnológico. Diante da modernidade, observa-se que as informações trocadas ocorrem em tempo real, havendo assim a descentralização de controle de processos produtivos, graças a utilização de dispositivos inteligentes. Com o avanço tecnológico muita coisa mudou, como por exemplo as relações de trabalho, permitindo a sua flexibilização e com isso trazendo lados positivos e negativos. Um dos fatores é que o serviço não precisa ser realizado em um determinado espaço físico, contanto que o trabalhador tenha um meio de acessar a plataforma digital.

Nas falas de Soninha e Beatriz, observei a diferença do significado do chapéu para elas:

Soninha: Cresci vendo a mãe produzindo o chapéu com minhas tias. Na minha infância, aos 10 anos de idade ela ensinou pra mim e para minhas 5 irmãs; continuei produzindo como renda única até os 26 anos

, através das vendas dos chapéus eu podia comprar minhas roupas, sapatos e objetos pessoais, em seguida casei e comecei a trabalhar, conciliando a produção do chapéu de Indaiá com deveres de casa e família, fiz chapéu até meus 50 anos, parei porque descobri a venda de produtos de beleza online o que gastava menos tempo, menos esforço e dava mais lucro. Nossa o processo de retirada da palha era extremamente cansativo e me desanimava.

Beatriz: Minha relação com chapéu de Indaiá é forte por causa da minha família materna, cresci e fui criada nesse meio vendo minha mãe, minha avó e minhas tias na produção. Minha tia Mariza me ensinou com 11 anos. Comecei a aprender porque achava bonito e queria ter meu dinheirinho, não foi fácil mas eu gostava. Há um tempo atrás tinha alguns programas que acompanhavam e divulgavam o chapéu, hoje algumas pessoas trazem o produto para algumas feiras de exposição em Belo Horizonte, mas vejo que está muito fraco o comércio né. Eu trançei enquanto estava aí no morro até meus 20 anos, atualmente eu moro em Vespasiano e trabalho no setor administrativo de uma clínica odontológica e também curso administração, meu tempo fica curto e o trabalho é muito, além disso eu não conseguiria me manter com a renda do chapéu.

Todas nós mulheres da família da minha avó dona Mariinha aprendíamos a trançar, mas nossa geração mais nova não continua no aprendizado, a maioria das netas foram embora, estudam e trabalham. De acordo com História Viva (2014 p.152)

A preocupação com a extinção do ofício pode ser comprovada, empiricamente, se levarmos em conta a faixa etária daqueles que se dedicam a essa atividade. Salvo raríssimas exceções, a produção está concentrada nas mãos de pessoas na faixa etária situada entre 50 e 72 anos, o que significa que não tem tido a renovação dos profissionais que se dedicam à produção artesanal do chapéu.

As relações de trabalho vem se modificando sempre e isso impacta diretamente na produção desses ofícios tradicionais, novas possibilidades chamam a atenção dos jovens, o que desloca a mão de obra. Segundo C. Ribeiro (2015), a monetarização do mercado de trabalho e das relações sociais impulsionam novas demandas no mercado.

A venda do chapéu é feita usando os meios locais, através de recomendações as pessoas procuram na casa da minha avó dona Mariinha, outras são por encomenda sendo também através das recomendações. Ao perguntar como fazem as vendas ela diz:

Dona Mariinha: A gente vende assim, uma pessoa vem encomenda, aí fazemos, outra hora alguém que gosta de sair vendendo pega mais quantidade leva e vende aí pagamos uma comissão, não temos loja, nem venda. Minha filha mais velha, a Sandra adora rede social e agora está publicando lá e vendendo, o vicente meu esposo também leva para belo horizonte e vende por encomenda.

O preço do chapéu, como citado acima é : chapéu grosso de 25 à 30 reais, e do fino de 60 a 120 reais, ou seja é muito trabalho pra pouca remuneração. Usando como exemplo a família da minha avó, somos quatorze mulheres: minha avó, seis filhas e sete netas. Nove dessas sabem costurar e trançar, mas apenas três estão ativas na produção, sendo elas as mais velhas da casa. Um chapéu demora em torno de cinco dias para ficar pronto, sendo assim a artesã que trança e costura chapéu de fibra fina, em seu tamanho comum, consegue juntar no mês em torno de 240 reais, o que nos dias de hoje sabemos que não dá para muita coisa, o que claramente é um dos motivos pra nós moças mais novas não continuarmos no ofício, Beatriz diz :

Não dá pra mim continuar trançando, mesmo com todo sentimento que carrego em relação ao chapéu, me dedicar a ele agora seria loucura e desperdício do tempo que não tenho sobrando. Eu trabalho e preciso dar conta das minhas coisas, não recebo muito aqui mas com o chapéu seria impossível . Se ele fosse uma forma de subsistência segura, eu nem teria saído do Morro ainda.

Sendo indagada sobre a importância do jovem na produção Beatriz diz:

Eu sei da importância, gostaria de participar mais ativamente por carinho a minha avó e também ao chapéu, mas não vejo como fazer no momento.

Os jovens são fundamentais na sucessão da produção manual do chapéu de Indaiá. Segundo Pereira (2013, p. 13) “a formação de uma identidade é iniciada no núcleo familiar e é ressignificada pelo contato com outras sociedades de traços culturais diferentes e esta formação da identidade deve ser construída em bases sólidas, fazendo com que o indivíduo crie maturação e sinta que está em estado de segurança.”

Os jovens são a esperança de continuidade dos trabalhos culturais tradicionais o conhecimento precisa ser repassado, e isso não é uma situação unicamente de Morro do Pilar-MG A realidade do jovem no campo é sair de suas comunidades para as grandes cidades. Uma hipótese levantada é a de que o envolvimento dos jovens no artesanato, especificamente no chapéu de Indaiá, pode proporcionar aos mesmos uma ressignificação da importância dos saberes do campo e da sua história cuja sobrevivência no mundo atual globalizado e capitalista, é uma forma de resistência.

A globalização tem grande influência sobre essa difusão dos saberes tradicionais, ela se expande de forma rápida, beneficiando quase sempre as localidades mais desenvolvidas e chegando mais lenta nas outras regiões, causando essa dependência econômica no ser humano.

As formas de adaptação e de lidar com todas essas mudanças não é fácil, ainda mais

vindo de sujeitos tão simples e que dependem do artesanato para complementar a renda, mas a evocação da memória ligada com a natureza e as relações humanas pode constituir uma força tarefa unida para que os participantes e munícipes ancorem suas raízes no cenário moderno e ágil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se constituiu em uma pesquisa objetivada a compreender a importância do chapéu de Indaiá para as artesãs em Morro do Pilar. Por meio da realização da mesma identifiquei que o chapéu de Indaiá é um patrimônio imaterial e material, confeccionado de forma sustentável e que tem passado por processo de transformação em decorrência do tempo, das relações de trabalho, da globalização, mas que deve ser ressignificado pelo valor que tem para as artesãs e para a história local. O chapéu de Indaiá precisa por passar por uma repaginada, uma simples logo para dar identidade ao produto já ajudaria com isso e o trabalho me fez pensar em novos rumos e estratégias para fomentar o artesanato do chapéu de Indaiá em Morro do Pilar.

Através da pesquisa, também foi possível entender melhor minhas raízes e identificar aspectos que podem ser falados em trabalhos futuros, como entender a relação da educação com a tradição e cultura.

Em suma, o Chapéu de Indaiá é uma peça artesanal de grande valor cultural e simbólico. Ele representa a tradição e habilidade dos artesãos da minha região mais especificamente como foi falado em Morro do Pilar-MG. Além de sua função prática de proteção contra o sol, o chapéu possui um estilo único e rústico, confeccionado com fibras vegetais trançadas como foi visto acima. Sua durabilidade e beleza natural o tornam uma peça especial, apreciada tanto por sua funcionalidade quanto por seu significado cultural. O Chapéu de Indaiá é um exemplo da riqueza do artesanato brasileiro e do cuidado com a preservação das tradições e do patrimônio cultural local, que merece ser valorizado.

REFERÊNCIAS:

- BEGNAMI, João Batista; Thierry Burghgrave. **As relações sociais na Escola e a Formação do trabalhador**. Pedagogia da Alternância e Sustentabilidade. Embrapa Ed. 2013
- ALVARES, Sonia Carbonell. **A pedagogia artesã como práxis educativa em culturas populares tradicionais**. Educação e Pesquisa, vol.45. São Paulo: 2019. Epub 18- Abr-2019
- BRANDÃO , Carlos Rodrigues . **A Educação como cultura** . Campinas : Mercado de Letras , 200
- BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado 1988.
- CALDART, Roseli Salet. **Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. In: Por uma educação básica no campo: Identidade e políticas públicas. V. 4. Brasília, 2002.
- DIAS, Ana Helena de Souza. **Influência de Attalea dubia (Mart.) Burret (Arecaceae) no recrutamento de espécies arbóreas em um fragmento de Mata Atlântica**. 31. f. Monografia. Curso de Graduação em Engenharia Florestal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Florestas, Seropédica, RJ, 2011.
Belo Horizonte: UFMG, 2020
- DORES, Fabíola Gaspar das. **A memória como método de pesquisa**. Cadernos do Campo. ISSN: 1415-068, 1999
- HISTÓRIA VIVA- MORRO DO PILAR – **Cultura, memória,sustentabilidade e antecipação do futuro / Morro do Pilar**; Instituto espinhaço,2014
- LAMBERT, D. A maison familiale rurale de Granit (em Québec, Canadá). In : UNEFAB. Vários Autores. **Pedagogia da alternância: formação em alternância e desenvolvimento sustentável**. Brasília: Cidade Gráfica. nov. 2002. p. 33-42
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Morro do Pilar (MG) cidades e estados-IBGE. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/morro-do-pilar/panorama> >. Acesso em: 20/10/2022
- PEREIRA, Edvaldo Santos. Batuque: Reverberação da memória na vidência de identidades Afro-Amazonas. 2013
Disponível em: < https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/5245/1/Dissertacao_BatuqueReverberacaoMemoria.pdf >. Acesso em: 25 maio. 2023
- RIBEIRO, Mateus Cotta. **A reprodução crítica do espaço na porção meridional da Serra do Espinhaço de Minas Gerais: modernização do espaço e crise da sociedade do trabalho**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.. Acesso em: 2023-05-25.
- RICHARDSON, R. J. **Roteiro de um projeto de pesquisa**. In: Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999. Acesso em setembro 2022
- SANTOS, Silvio Matheus Alves (2017). **O Método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. Plural, 24(1), 214-241.
- SILVA, L. H. **Educação do campo e pedagogia da alternância: a experiência brasileira**. In: Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 5, p. 105-112, 2008. Disponível.: < em <http://sisifo.fpce.ul.pt> >. Acesso em set. 2022

SILVA JÚNIOR, Francklane Sena da. ARAÚJO, Tyelisson Silva. SOTTILI, Luciana Adélia. **A “uberização” das relações de emprego: Uma análise da subordinação e da não eventualidade.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 12, Vol. 15, pp. 113-131. Dezembro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: < <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/uberizacao> >. Data do acesso : 24/05/2023

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico, Artigo recebido em maio de 2007. Aprovado em outubro de 2007, MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007. Disponível em:< www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/835/592>. Acesso em 22/05/2023

THOMPSON, Paulo (1935-). A voz do passado - História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Acesso em março 2023

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Acesso em março 2023

APÊNDICES

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

Nome:

Idade:

Sexo:

Estado Civil:

Ocupação:

Escolaridade:

Naturalidade:

Local de residência:

Tem filhos? Quantos?

Qual sua relação com a produção do chapéu de Indaiá? Quem te ensinou a produzir e quantos anos você tinha ? Por que se interessou em aprender?

De onde vem a tradição do uso da fibra?

Existe alguma cooperativa ou programa que apoie esse saber cultural na cidade ?

Quais são os processos e o passo a passo para o produto final ?

Existe uma divisão do trabalho ?

Quais os sexos atuantes no processo? Quais os valores da venda do produto?

O dinheiro das vendas consegue sustentar a família?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a), para participar, como voluntário, da pesquisa cujo tema é: **CHAPÉU DE INDAIÁ EM MORRO DO PILAR – MG: UMA AUTOETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO ARTESANAL**

Dessa forma, você está sendo consultado sobre a sua adesão a entrevista semiestruturada áudio-gravada e a autorizar o uso das respostas em estudos a serem realizadas no âmbito desse trabalho acadêmico. No caso de haver concordância de sua livre e espontânea vontade em participar, assine a autorização que se encontra ao final deste termo, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

Seu aceite ou não a este convite e sua eventual participação na pesquisa são de caráter estritamente voluntário, estando você livre para retirar seu consentimento a qualquer instante durante seu desenvolvimento, sem que haja qualquer prejuízo na relação com o pesquisador e com a Instituição. Ressaltamos, ainda, que sua participação não ocasionará gastos financeiros, e os possíveis desconfortos provenientes dela serão minimizados pelos pesquisadores através de medidas como: respeito à sua opinião e conceitos; dar-lhe a faculdade de responder tão somente às questões ao qual se dispor e garantia de seu anonimato ao utilizarmos pseudônimos. O material relativo a entrevista da(s) qual (is) por ventura participe será mantido em local seguro e privado, de modo a impedir seu acesso por terceiros, e serão utilizados para fins estritamente acadêmicos (elaboração da monografia e produção de artigos ou capítulos de livros), bem como, todas as informações referentes à sua identidade serão resguardadas.

Graduanda Thaís Almeida Araújo

Licenciatura em educação do Campo (Lecampo)

FaE/UFGM

Endereço: Morro do Pilar- MG

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____ de _____ de 2023.

Assinatura: _____

